

## A IDENTIDADE MUSICAL DE MATO GROSSO DO SUL NOS ESCRITOS DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

*Suayne Kamilla Alves Costa* (UEMS)

[suaynecosta67766@gmail.com](mailto:suaynecosta67766@gmail.com)

*Aline Saddi Chaves* (UEMS)

[alinechaves@uems.br](mailto:alinechaves@uems.br)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros* (UEMS)

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

### RESUMO

A escritora e incentivadora cultural Maria da Glória Sá Rosa deixou um rico legado bibliográfico sobre a construção da memória e da identidade do jovem estado de Mato Grosso do Sul. Sua obra revela, com efeito, a riqueza e as diversas influências sofridas pelas manifestações artísticas locais, com destaque para a literatura, a música e as artes plásticas. Neste trabalho, propomos analisar o discurso da autora sobre a identidade musical de Mato Grosso do Sul, como forma de compreender esta identidade, e ainda, de preservar a memória daquela que contribuiu para valorizar a cultura em um estado em formação e notadamente caracterizado por sua localização fronteiriça. A hipótese da pesquisa, que se desenvolve como Trabalho de Conclusão e Curso, é a de que a construção da identidade cultural sul-mato-grossense se estabeleceu em meio às influências dos estados e países fronteiriços, em produções musicais que tematizam a guerra, as correntes migratórias, a natureza, entre outros, nos mais variados estilos. Tendo como suporte teórico os estudos sobre a linguagem em uma perspectiva dialógica, buscamos compreender de que modo o discurso da autora contribui para preservar e valorizar a história, a memória e a identidade da culturado estado, na obra *A Música de Mato Grosso do Sul*, publicada em 2009.

### Palavras-chave:

Dialogismo. Maria da Glória Sá Rosa. Música de Mato Grosso do Sul.

### ABSTRACT

The writer and cultural supporter Maria da Glória Sá Rosa left a rich bibliographic legacy on the construction of the memory and identity of the new State of Mato Grosso do Sul. In fact, her work reveals the richness and the diverse influences suffered by the local artistic manifestations with emphasis on literature, music and the plastic arts. In this work, we propose to analyze the author's discourse on the musical identity of Mato Grosso do Sul as a way of understanding this identity and also to preserve the memory of the one that contributed to valuing the culture in a state in formation and notably characterized by its border location. The research hypothesis, which is developed as a Completion and Course Work, is that the construction of the cultural identity of Mato Grosso do Sul was established within the influences of border states and countries, through musical expressions addressing topics such as war, migratory currents, nature, among others, in the most varied styles. Having as theoretical support studies on language in a dialogic perspective, we seek to understand how the author's discourse contributes to preserving and valuing the history, memory and identity of the culture

from Mato Grosso do Sul, in her book entitled *A Música de Mato Grosso do Sul*, published in 2009.

**Keywords:**

**Dialogism. Maria da Glória Sá Rosa. Music from Mato Grosso do Sul.**

## **1. Introdução**

Maria da Glória Sá Rosa, historiadora, professora, escritora, crítica literária, incentivadora cultural, nascida na cidade de Mombaça (CE) em 4 de novembro de 1927, deixou um importante legado sobre a construção da memória e da identidade do estado de Mato Grosso do Sul.

Na área cultural, escreveu diversos livros e artigos sobre cultura em jornais e revistas do estado sul-mato-grossense, criou a Revista Estudos Universitários na antiga FUCMAT, onde fundou o Teatro Universitário Campo-Grandense (TUC). Criou o Cine Clube da Capital e dirigiu o projeto Pratas da Casa, que desvendou e impulsionou a carreira musical de talentos sul-mato-grossenses, com shows musicais e gravação de discos.

Glorinha, como era conhecida, foi referência na cultura e na docência sul-mato-grossense. Coordenou diversos festivais de música e teatro em Campo Grande, que revelaram vários talentos e produziu programas de televisão e rádio, além de escrever resenhas sobre artes para diversos artistas plásticos do Estado para divulgarem suas artes no País e no exterior. Sua obra revela, com efeito, a riqueza e as diversas influências sofridas pelas manifestações artísticas locais, como a literatura, as artes plásticas e a música, foco deste estudo.

Neste artigo, tomamos como objeto de análise os escritos sobre a música sul-mato-grossense de Maria da Glória Sá Rosa, cuja dedicação foi decisiva para a conservação da memória cultural do estado de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa tem por base teórica a análise dialógica do discurso, tal como desenvolvida nos escritos do Círculo de Bakhtin. Com base neste referencial teórico, trabalhamos com a hipótese de que a construção da identidade musical sul-mato-grossense sofreu influências dos estados e países fronteiriços e, por isso, se referem a temas da história dessa região, como a guerra, as correntes migratórias, a natureza, entre outros, nos mais variados estilos musicais.

Dessa forma, como objetivo deste artigo, buscamos analisar o discurso da professora Maria da Glória Sá Rosa sobre a identidade musical de Mato Grosso do Sul, como forma de compreender esta identidade, e ainda, de preservar a memória daquela que contribuiu para valorizar a cultura de um estado em formação.

Para complementar este estudo, propomos, enfim, uma análise dialógica da canção *Sonhos guaranis*, que, para Rosa (2009), explica as origens do estado de Mato Grosso do Sul, ao tematizar a fragmentação da identidade local após a Guerra do Paraguai.

## 2. *A perspectiva dialógica da linguagem*

A temática da identidade sociocultural de Mato Grosso do Sul é abordada, nesta pesquisa, pela perspectiva dialógica da linguagem, desenvolvida nos escritos do Círculo de Bakhtin, assim denominado o grupo de estudiosos russos que, do início até meados do século XX, produziu farta publicação sobre temas como literatura, linguística, antropologia, sociologia, entre outros.

No que diz respeito à linguagem, os escritos do Círculo de Bakhtin se notabilizam pela concepção inovadora de linguagem, tanto para a época, quanto para os dias de hoje. Tal perspectiva é considerada uma filosofia da linguagem, sustentada por uma crítica à linguística saussuriana e ao psicologismo, dominantes no pensamento europeu no século XX. Para Bakhtin/Volochínov (2006), tanto a linguística descritiva quanto a concepção subjetivista da linguagem não levam em conta a dimensão social e interacionista da linguagem; enquanto uma compreende o signo em seu estado normativo, a outra concebe a linguagem como produto da consciência individual do falante.

Em outra direção, Bakhtin/Volochínov consideram que o signo é ideológico, na medida em que veicula um conteúdo vivencial: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 96). Dito de outro modo, o signo está ligado à vida e às relações humanas que se estabelecem por meio da língua/linguagem.

Com base nessa concepção inovadora do signo linguístico, o Círculo de Bakhtin vai desenvolver uma concepção dialógica da linguagem. O dialogismo designa um princípio geral da linguagem humana, qual seja a relação que todo enunciado estabelece com os anteriores, tornando a

comunicação um espaço de trocas únicas e ininterruptas. Assim, para o Círculo, “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 32).

Na concepção dialógica da linguagem, o enunciado designa uma unidade da comunicação, podendo assumir formas e dimensões variadas. O que permite identificar a natureza do enunciado, segundo Bakhtin (2003), é sua natureza temática, estilística e composicional. Em outros termos, os enunciados se agrupam em gêneros do discurso (Cf. BAKHTIN, 2003), outro conceito legado pelo Círculo de Bakhtin.

Os gêneros do discurso são conjuntos de enunciados que apresentam características comuns, mais ou menos estáveis: o tema, o estilo e a composição textual. Por meio deste conceito, é possível abarcar as mais diversas formas de linguagem produzidas pelo homem, seja verbal, seja não verbal. A canção, por exemplo, é um gênero do discurso que mistura dois sistemas semióticos: verbal (a letra da canção) e não verbal (os elementos musicais, como som, ritmo, melodia, harmonia etc.). Desse modo, tanto a dimensão verbal quanto não verbal da canção refletem o conteúdo vivencial de um povo, não sendo possível defini-la em seus aspectos puramente formais, sem antes levar em conta a esfera de atividade humana que a produz, e a realidade extraverbal como um todo, como explicado nesta citação:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 31)

Em nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que a construção da identidade musical sul-mato-grossense se estabeleceu em meio às influências dos estados e países fronteiriços, abordando temas como a guerra, as correntes migratórias, a natureza, entre outros, nos mais variados estilos musicais. Estes elementos identitários são reveladores da esfera de atividade humana do universo artístico de Mato Grosso do Sul, que, como explica Rosa na citação a seguir, manifesta uma cultura multifacetada:

Mato Grosso do Sul possui uma cultura multifacetada, resultado de um processo de interações e oposições no tempo e no espaço. A proximidade geográfica com o Paraguai e a Bolívia, países com os quais faz fronteira, gerou características socioculturais que o distinguem dos demais estados brasileiros. (ROSA, 2005, p. 16)

É importante destacar que, em nossa perspectiva, a identidade é tomada como um discurso, na esteira de Fiorin (2009, p. 117), que evoca Bakhtin ao afirmar que “a identidade nacional é um discurso e, por isso, ela, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente”. A respeito da construção da identidade nacional, este autor explica que existem dois tipos fundamentais de cultura, fundados seja na triagem (ou exclusão), seja na mistura (ou participação). O autor explica:

A cultura da triagem tem um aspecto descontínuo e tende a restringir a circulação cultural, que será pequena ou mesmo nula e, de qualquer maneira, desacelerada pela presença do exclusivo e do excluído. É uma cultura do interdito. Já a cultura da mistura apresenta um aspecto contínuo, favorecendo o “comércio” cultural. Nela, o andamento é rápido. É a cultura da permitido. (FIORIN, 2009, p. 118)

Com base nesta distinção, propomos que a identidade musical sul-mato-grossense é fundada na cultura de mistura ou participação. Com efeito, a localização geográfica deste jovem estado brasileiro, separado de Mato Grosso em 1977, bem como fatores históricos e políticos, configuram uma complexa trama identitária, por meio de trocas humanas com cinco estados (São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais) e dois países (Bolívia e Paraguai).

Nesta conjuntura *sui generis*, a figura marcante de uma intelectual, escritora e professora, foi determinante para a conservação da memória cultural do estado de Mato Grosso do Sul. Estamos falando de Maria da Glória Sá Rosa, cuja obra sobre a música sul-mato-grossense é objeto de nosso estudo.

### 3. *Maria da Glória Sá Rosa: vida e obra*

Glorinha, como era conhecida, nasceu na cidade de Mombaça, no Ceará, em 4 de novembro de 1927. Aos 7 anos de idade, mudou-se para Campo Grande, ainda no estado indiviso de Mato Grosso. Em Campo Grande, Glorinha estudou no Colégio Juvenal Carvalho até o ginásio e em 1942, com o apoio de sua mãe, mudou-se para a cidade de São Paulo a fim de cursar o ensino médio, já que na época a cidade de Campo Grande não ofertava o Curso Clássico ou Científico (Ensino Médio). Na

cidade paulista, frequentou o Colégio Santa Inês, onde se apegou a sua professora de Língua Portuguesa, a Irmã Maria José Duarte, e com sua amiga Olga de Sá fundou o jornal literário escolar “Tic-Tac”.

Assim finalizados os anos letivos, Glorinha voltou para Campo Grande, onde permaneceu por pouco tempo, até ser aprovada no vestibular do curso de Línguas Neolatinas na PUC-Rio. Em 1950, já formada, Glorinha retornou à cidade que sempre considerou como sua terra natal, e onde permaneceu até o fim de sua vida, em 2016. Em 1951, casou-se com José Ferreira Rosa, com quem teve quatro filhos: José Carlos, José Boaventura (falecido), Luiz Fernando e Eva Regina.

Como docente, Glorinha atuou como professora de língua portuguesa e espanhola. Na década de 1960, contribuiu para fundar a Aliança Francesa de Campo Grande e a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (FADAFI), a primeira Universidade do sul do Mato Grosso, onde lecionou por 18 anos. Participou também da criação da UEMT, que após a divisão dos estados se federalizou, passando a ser UFMS, em 1979, instituição na qual foi assessora de cultura, chefe de departamento e professora do Curso de Letras até sua aposentadoria, na década de 1990.

Glorinha também foi responsável pela criação do Teatro Universitário Campo-Grandense (TUC) e da revista Estudos Universitários. Promoveu grandes eventos, como festivais de música, concursos literários, trouxe autores brasileiros como Fernando Sabino e promoveu projeto “Prata da Casa”.

Na década de 1970, foi pioneira na produção de programas de televisão, como o Intercomunicação e Mensagem, na TV Morena. Atuou como fundadora do Cineclub de Campo Grande, presidiu a Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul e o Conselho Estadual de Cultura, por 20 anos. Foi membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Em vida, Glorinha recebeu o título de *Doutora Honoris Causa* pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), antiga FUCMAT.

A respeito de suas obras, Maria da Glória Sá Rosa destaca-se pela importante produção sobre temas variados, relacionados a Mato Grosso do Sul. Esta produção inclui obras ficcionais e críticas, livros didáticos, crônicas jornalísticas, escritos na Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, dentre inúmeros outros. A autora escreveu tanto so-

zinha quanto em parceria. A seguir, destacamos algumas de suas produções mais conhecidas, tal como descritas no *site* do Acervo Maria da Glória Sá Rosa<sup>1</sup>.

A obra *Cultura, Literatura e Língua Nacional* é publicada em 1976, em parceria com Albana Xavier Nogueira e trata-se de um:

Livro Didático vendido em todo Brasil. Foi pioneiro e vanguardista, pois apresenta em suas seções textos, imagens, obras de artes em cores, sugestões de filmes, e projetos de trabalho e pesquisa. A obra foi adotada nacionalmente porque fugia da proposta tradicionalista dos demais livros didáticos, que só continham textos e métodos de trabalho, o que, para a época, havia se tornado obsoleto.

Em 1981, publica *Projeto Universidade: Festivais de Música em Mato Grosso do Sul*, em co-autoria com Cândido Alberto da Fonseca e o compositor Paulo Simões:

Livro que narra, a partir de depoimentos de cantores e artistas do sul de Mato Grosso, as histórias e memórias dos festivais promovidos até o ano de 1981 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, dentre eles, destacamos o Prata da Casa, evento que consagrou artistas e foi um marco na consolidação da música popular urbana do Estado.

Em 1990, publica a obra *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida*:

Obra que relata a vida de professores aposentados que fizeram história em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul sob a ótica autobiográfica dos entrevistados. Glorinha percorreu cidades como Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Três Lagoas e Cuiabá para apresentar ao leitor um panorama da Educação do “Mato Grosso Uno” a partir das memórias daqueles que foram seus pioneiros.

Dois anos mais tarde, publica a obra *Memória da Arte em MS: histórias de vida*, em parceria com Maria Adélia Menegazzo e Idara Duncan:

Dando continuidade à proposta do livro anterior, Maria da Glória Sá Rosa une-se às professoras Maria Adélia e Idara para relatar, a partir das memórias de artistas do Estado, as visões sobre a Literatura, Música, Teatro, Artes Plásticas, Cinema e Dança daqueles que construíram e lutam pela manutenção dessas expressões culturais regionais.

No mesmo ano, publica a obra *Deus quer, o Homem sonha, a Cidade Nasce: Campo Grande: cem anos de história*, também em parceria com Maria Adélia Menegazzo e Idara Duncan:

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.acervomariadagloria.com.br/publicacoes>. Acesso em 26/07/2022.

Dando continuidade à proposta do livro anterior, Maria da Glória Sá Rosa une-se às professoras Maria Adélia e Idara para relatar, a partir das memórias de artistas do Estado, as visões sobre a Literatura, Música, Teatro, Artes Plásticas, Cinema e Dança daqueles que construíram e lutam pela manutenção dessas expressões culturais regionais.

Em 2001, publica “Crônicas de Fim de Século”:

A obra traz crônicas publicadas por Glorinha Sá Rosa em jornais da capital sul-mato-grossense entre 1970 a 2001. Com uma temática variada, a autora faz relatos sobre personagens históricas internacionais, nacionais e locais, trata de questões sobre literatura e cultura e apresenta também suas experiências de viagens nos mais diversos países.

Em 2002, é publicada a obra ficcional *Contos de hoje e sempre: tecendo palavras*:

Em sua estreia na escrita literária (não acadêmica), Maria da Glória desenvolve contos sob a ótica das mais diversas ações humanas. Sempre muito antenada aos acontecimentos sociais vigentes, as histórias narradas confrontam-se com muitas realidades já vividas por pessoas comuns.

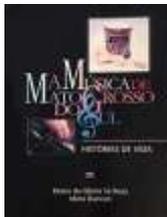
A partir de 2005, dá início a produções sobre a cultura sul-mato-grossense, em obras como *Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul* (2005), *A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida* (2009), *A Literatura Sul-Mato-Grossense na ótica de seus construtores* (2011), e obras ficcionais como *Antologia de textos de Mato Grosso do Sul* (2013) e “A Crônica dos Quatro” (2014), todas em co-autoria.

A seguir, falaremos sobre a obra que é objeto de nossa pesquisa.

#### **4. A música de Mato Grosso do Sul pela ótica de Sá Rosa**

A obra *A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida* foi publicada por Maria da Glória Sá Rosa em 2009, em co-autoria com Idara Duncan. A seguir, transcrevemos a capa da obra:

Figura 1: Capa da obra *A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida*.



Fonte: Acervo Maria da Glória Sá Rosa.

A obra tem por objetivo “registrar a trajetória da música sul-mato-grossense nos últimos quarenta anos, por meio de seus principais protagonistas” (ROSA, 2009, p. 7), como explica seu prefaciador, o Professor Américo Calheiros, Presidente da Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul à época da publicação.

Na Apresentação, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Albana Xavier Nogueira destaca o grande valor da obra em sua missão de “resgatar a figura dos protagonistas, dos que representam o papel principal no cenário da música sul-mato-grossense” (ROSA, 2009, p. 11). Com efeito, Glorinha e Idara inovaram ao darem a palavra aos próprios artistas, cujos depoimentos abordam suas próprias histórias de vida, detalhes de suas trajetórias, “à viva voz, por meio de suas palavras, de seus discursos, marcados pelo entusiasmo, pela garra, pelo desejo de participar, de ajudar a construir a história da gente deste Estado” (*Idibidem*, p. 11).

Esses depoimentos são entrelaçados por comentários das autoras, que também foram responsáveis por conduzir as entrevistas concedidas por trinta e quatro representantes da música urbana, sertaneja e erudita de Mato Grosso do Sul, entre compositores e jornalistas. São eles: Paulo Simões, Geraldo Espíndola, Moacir Lacerda, Geraldo Roca, Tetê Espíndola, Almir Sater, Guilherme Rondon, Celito Espíndola, Carlos Colman, Alzira Espíndola, Lenilde Ramos, Antônio Porto, Jerry Espíndola, Márcio de Camillo, Rodrigo Teixeira, Vitor Diniz, Evandro Higa, Manoel Rasslan, Ciro de Oliveira, Cândido Alberto, Lizoel Costa, Oscar Rocha, Zacarias Mourão, Délio e Delinha, Zé Corrêa, Amambay & Amambaí, Beth & Betinha, Brancão, Jandira e Benites, Helena Meirelles, Aurélio Miranda, Dino Rocha, Tostão & Guarany e Aral Cardoso.

O texto que é objeto de nosso estudo introduz a obra, e intitula-se “A música de MS: metáfora das emoções no painel da história”. Nele, Maria da Glória Sá Rosa reflete sobre o papel da música na constituição da identidade sul-mato-grossense, aproximando esta forma de expressão cultural da história de um jovem estado em formação. A esse respeito, é importante mencionar que o estado de Mato Grosso do Sul foi oficializado em 1977, após separar-se do estado de Mato Grosso, resultado de uma conjunção de fatores políticos, econômicos e culturais, assim explicados por Queiroz:

Na verdade, ainda no século XIX as elites cuiabanas viram sua posição ameaçada pelo aumento da importância econômica e política de Corumbá – cidade que, especialmente depois do final da Guerra do Paraguai (1870), foi beneficiada com a liberação da navegação pelo rio Paraguai em direção ao estuário do Prata, transformando-se em um importante cen-

tro comercial. Além disso, enquanto o “Norte” permanecia virtualmente estacionado, em termos de incremento populacional e desenvolvimento econômico, todo o Sul recebia, após 1870, um regular fluxo de migrantes brasileiros (paulistas, mineiros, paranaenses e, sobretudo na última década do século XIX, sul-riograndenses), além de imigrantes estrangeiros, sobretudo paraguaios. Desenvolvia-se, além da pecuária, a economia erva-teira (ainda que sob o virtual monopólio da Companhia Mate Laranjeira). [...] A ferrovia estimulou, enfim, o crescimento de outra potencial concorrente da velha Cuiabá: a cidade de Campo Grande, que logo, aliás, suplantaria a própria Corumbá na condição de principal pólo comercial do Estado. (QUEIROZ, 2006, p. 156)

Nesta citação, o historiador situa os fatores notadamente políticos e econômicos que concorreram para a divisão do Estado, uma questão colocada já no século XIX, e efetivada em 1977, sob o regime militar. Este fato é de grande relevância para se compreender a que ponto a identidade é uma questão para o estado nascente, visto que sempre fizera parte da identidade mato-grossense, ainda que tal identificação tenha se tornado problemática em virtude do desenvolvimento econômico, político e populacional da porção sul do estado.

Sobre essa questão, Rosa (2009, p. 17) explica que, justamente, “talvez seja a música a forma de arte que melhor reflita a fisionomia cultural de Mato Grosso do Sul”. A autora se refere neste trecho à identidade cultural do jovem estado, e entende ser a música local o reflexo mais fiel de uma “cultura multifacetada, que abriga identidades indígenas e latino-americanas” (*Idibidem*, p. 17).

A autora menciona, então, os temas que evocam a formação desta identidade: a guerra do Paraguai, a ferrovia, as correntes migratórias, a influência dos povos originários, a agricultura, a pecuária, a fauna e flora do Pantanal, o protagonismo econômico de Corumbá no final do século XIX. Esses fatores perfilam a “fisionomia” cultural do estado, traduzindo-se em expressões musicais como a polca, a música caipira e sertaneja, a música regional e urbana, a música erudita, as expressões musicais folclóricas como o cururu e o siriri.

Em sua obra sobre a música de Mato Grosso do Sul, Rosa (2009) relaciona essa diversidade de temas e estilos musicais às obras musicais produzidas por seus autores. Sobre as origens do Estado, a autora menciona a canção “Sonhos Guaranis”, de autoria de Paulo Simões e Almir Sater. Sobre a influência da ferrovia, cita a canção “Trem do Pantanal”, de Paulo Simões e Geraldo Roca, expoentes da chamada Música do Litoral Central (Cf. NEDER, 2011). A influência dos fluxos migratórios é percebida nos ritmos sertanejos e caipiras trazidos por mineiros, goianos

e paulistas; nos gêneros musicais gaúchos, como a milonga, o fandango e o vaneirão; em festividades como o Carnaval de Corumbá, os bailes gaúchos em todo o estado, e ainda, as cerimônias religiosas como a Festa do Divino (Coxim), a Folia dos Reis (Três Lagoas) e a Festa de São João (Corumbá).

A influência dos países vizinhos é considerada pela autora uma das mais determinantes para a composição deste “mosaico da cultura sul-mato-grossense” (ROSA, 2009, p. 19). Do Paraguai e da Bolívia, vieram a polca, a guarânia, o rasqueado, o chamamé. A cultura indígena completa a influência dos ritmos platinos, em composições como “Kananciê”, do Grupo Acaba, além de “Quyquyhô”, de Geraldo Espindola, entre muitas outras.

Complementam, ainda, essa diversidade cultural e identitária as expressões musicais originadas em Mato Grosso do Sul, como a já citada Música do Litoral Central (Geraldo Roca, Paulo Simões), a música regional dos irmãos Espindola (Tetê, Geraldo, Celito, Jerry), a polca-rock. Para Rosa (2009, p. 25), esta multiplicidade de manifestações artístico-musicais indica que é “impossível traçar régua e compasso na música de MS. Ela existe e afirma-se com suas diversidades no caminho em direção à maturidade”.

Para ilustrar as questões envolvidas na construção da identidade cultural de Mato Grosso do Sul, propomos uma análise dialógica da canção “Sonhos guaranis” que, segundo Rosa (2009, p. 17), explica as origens do estado e as “mudanças territoriais provocadas pelo conflito”.

### 5. *Dialogismo e identidade na canção “Sonhos Guaranis”*

A canção “Sonhos Guaranis” é de autoria de Paulo Simões e Almir Sater, e foi gravada em 1982, apenas cinco anos após o nascimento do estado de Mato Grosso do Sul, na sequência de sua separação do estado de Mato Grosso. A seguir, transcrevemos a letra da canção:

Sonhos Guaranis  
Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos guaranis  
Por campos e serras a história enterra uma só raiz  
Que aflora nas emoções e o tempo faz cicatriz  
Em mil canções lembrando o que não se diz  
Mato Grosso espera, esquecer quisera o som dos fuzis  
Se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país  
Amante das tradições de que me fiz aprendiz  
Por mil paixões podendo morrer feliz

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Cego é o coração que trai  
Aquele voz primeira que de dentro sai  
E às vezes me deixa assim  
Ao revelar que eu vim  
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai  
E às vezes me deixa assim  
Ao revelar que eu vim  
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai

A canção alude à Guerra do Paraguai, também chamada de Guerra da Tríplice Aliança, travada entre o Paraguai e os países aliados: Brasil, Argentina e Uruguai, entre 1864 e 1870. Este fato histórico atualiza o universo temático da canção, servindo de elo entre o passado e o presente. Pela ótica dialógica da linguagem, a canção é um enunciado, isto é, funciona como réplica de um diálogo que, longe de ter início no momento da enunciação, já estava em curso anteriormente.

A questão da identidade é figurativizada, nesta canção, pela temática do sonho, já presente no título “Sonhos guaranis”, por meio de um estilo em que predominam a subjetividade e o sentimento (aflore nas emoções, por mil paixões, morrer feliz, cego é o coração). Esta subjetividade, entretanto, não serve ao propósito único de revestir a canção de um tom lírico. Na realidade, os sentimentos evocados pelo eu lírico da canção traduzem os efeitos da Guerra do Paraguai sobre a identidade dos povos nativos (guaranis), bem como sobre a configuração territorial da porção centro-oeste do Brasil. Tais efeitos podem ser compreendidos nos termos da cisão da identidade. Com efeito, o eu lírico se mostra dividido entre uma identidade bem delineada (“uma só raiz”) e a “nova” identidade, ocasionada pela separação forçada pela guerra (“Se não fosse a guerra/Quem sabe hoje era um outro país”).

Esta fragmentação identitária é o que faz “aflorescer” no eu lírico o sentimento de não mais pertencer a “uma só raiz”, às “tradições” e “paixões” características daquela identidade una. Por esta leitura, a canção adquire uma tonalidade específica, uma entonação de nostalgia e lamento, semiotizada pelo emprego do Pretérito mais-que-perfeito (“esquecer quisera”) e de construções figurativas como “o tempo faz cicatriz”, “morrer feliz”.

Por meio desta entonação de lamento, o eu lírico também revela o conflito identitário ao evocar o esquecimento, em passagens como: “esquecer quisera”, “lembrando o que não se diz”, “o tempo faz cicatriz”. Mas, novamente, este esquecimento não tem por finalidade (somente) expressar o sentimento do eu lírico. Se lançarmos um olhar dialógico pa-

ra a canção, poderemos compreender que se trata de um silenciamento, como explicado por Faccioni nesta citação:

Houve, portanto, um silenciamento (ORLANDI, 2007) que aflora nas emoções (v.3) e alimenta nos sujeitos a memória em relação ao acontecimento da guerra. Aqui se tem uma diferença de moção entre os brasileiros e os paraguaios. No Brasil, pouco ou quase nada se fala da Guerra da Tríplice Aliança. Já no Paraguai, é um assunto discutido, estudado nas escolas e, também, pelos historiadores. De fato, parece-me que a história, pelo lado brasileiro, foi enterrada, enclausurada, como se não precisasse ser rememorada e estudada. Uma parte da história que o Brasil prefere esquecer, posto que a população paraguaia foi dizimada nas terras do Império, em sua própria terra e em outras localidades da Tríplice Aliança. ‘Guaranis, então, seria a representação de todos os povos originários, especialmente, os que tiveram participação na guerra. (FACCIONI, 2022, p. 110)

Prosseguindo em uma análise dialógica da canção, interessa se perguntar o sentido da temática abordada em 1982, quase cem anos após o término da referida guerra (1870), ainda mais no contexto do novo estado de Mato Grosso do Sul. Por um lado, observamos que a Guerra do Paraguai marcou profundamente as identidades locais, de um lado e de outro da fronteira. Por outro lado, este efeito se faz sentir na formação identitária do jovem estado criado em 1977. Disto resulta que a canção “Sonhos guaranis” trata da questão da identidade, sob o modo da cisão e, conseqüentemente, da indefinição do que vem a ser, de fato, a identidade sul-mato-grossense.

Para compreender esta questão, Neder (2011) elucida que a criação da música urbana campo-grandense, denominada Música do Litoral Central, que tem entre seus representantes o compositor Paulo Simões, buscou justamente ser uma alternativa para outro conflito identitário, não menos relacionado ao contexto histórico de Mato Grosso. Tal conflito, segundo o pesquisador, está relacionado à realidade agrária do estado, que representava uma barreira à instauração de uma realidade desenvolvida e cosmopolita para MS, na virada do século XXI.

Por meio desta breve análise da canção “Sonhos guaranis”, buscamos mostrar que as manifestações culturais do estado de Mato Grosso do Sul, em especial suas produções musicais, são reveladoras de uma identidade local multifacetada, de difícil definição, que contém “sonhos, ilusões, conflitos definidores do perfil” do estado, nos dizeres de Rosa (2009, p. 17).

## 6. Considerações finais

Quando se pensa na constituição do Brasil, é comum considerar a miscigenação de seu povo. No Estado de Mato Grosso do Sul, essa mistura fica ainda mais evidente, devido à sua localização geográfica e ao seu histórico de migrações, que favorecem a miscigenação e são fatores determinantes da cultura local.

As manifestações musicais de Mato Grosso do Sul representam a identidade local, refletindo os estilos de vida, a forma de pensar e as misturas culturais que são comuns ao povo sul-mato-grossense. A influência paraguaia é uma das mais fortes na sonoridade dos ritmos característicos dessa região fronteira, como a polca paraguaia, o chamamé, o vanerão, o xote, a guarânia, o rasqueado, o cururu e o siriri, e entre os indígenas, bolivianos, nordestinos, gaúchos e paulistas, que colaboraram para a criação de tantos ritmos característicos e únicos do estado.

Assim, por abordar as influências rítmicas, reunir relatos de artistas e mapear a história da música sul-mato-grossense, a obra analisada constitui um importante documento cultural, evidenciando a importância da professora, escritora e mestre, Maria da Glória Sá Rosa, para a construção da memória cultural do estado.

Glorinha, como era popularmente conhecida, mobilizou o campo das artes, do teatro, da dança e da música. Realizou eventos como Semana de Letras, editou revistas de cultura da universidade e foi a responsável pela realização dos festivais de teatro e música do Estado, fomentando a vida cultural de Campo Grande e do jovem estado de Mato Grosso do Sul como um todo.

Maria da Glória Sá Rosa dedicou a sua vida às artes, atuando significativamente na produção cultural do Estado de Mato Grosso do Sul, revelando grandes talentos e construindo a memória e a identidade cultural deste estado e seu legado se confunde com a própria história cultural do Estado. Há quem diga que a cultura no Estado se divide no antes e no depois de Glorinha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, A. L. E. C. Transgredindo Fronteiras: a Influência Paraguaia nas Representações Culturais no Mato Grosso do Sul. In: Walter Guedes da Silva; Paulo Fernando Jurado da Silva. (Org.). *Mato Grosso do Sul no Início do Século XXI: Integração e Desenvolvimento Urbano-Regional*. 1ed. Campo Grande: Life, 2017. (v. 2, p. 83-100)

CHAVES, Aline Saddi; SILUS, Alan. Cantando memórias sobre minha terra: dialogismo e identidade indígena nas canções *Kikiô* e *Serra de Maracaju*. In: MELO, S.M.; BORGES, Á.A. da C.; TORCHI, G. da F.C. (Orgs). *Lentes discursivo-semântico-interculturais: r(e)existência indígena*. Campinas: Pontes, 2019. p. 85-108

FACCIONI, Flávio Zancheta. *(Em) Serra de Maracaju, Sonhos Guaranis*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. *Revista Bakhtiniana*, v. 1, n. 1, p. 115-26, São Paulo, 2009.

NEDER, Álvaro S. C. “*Enquanto este novo trem atravessa o Litoral Central*”: platinidad, poéticas de deslocamento e (des)construção identitária na canção popular urbana de Campo Grande-MS. Tese (Doutorado em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2011. 551f.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/ Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). *Diálogos*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 149-84. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3oNzqfh>. Acesso em 03/08/2022.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Crônicas de fim de século*. Campo Grande: UCDB, 2001.

\_\_\_\_\_; DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: histórias de vida*. Campo Grande-MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.